Ano XI — Lisboa, Junho de 1955 — N.º 122

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 13$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

A BOA ACÇÃO

Seu objectivo e significado

(Continuação do número anterior)

A Técnica da Boa Acção

A Boa Acção Colectiva também tem uma técnica e ela é muito importante no bom êxito das iniciativas deste género. Precisamos de imaginar as nossas B. A. colectivas, sugeri-las aos Guias, proporcioná-las aos Escoteiros. Não julguemos que as nossas B. A. terão de ser sempre as tradicionais refeições aos pobrezinhos. Temos sempre de fugir da rotina. O rapaz requer novidade, surpresa, aventura. Se não lhe satisfizermos esta característica predominante do seu espírito ele desinteressar-se-á das nossas actividades. A principal habilidade do Escoteiro-Chefe consiste na sua capacidade de imaginação. E' necessário imaginar sempre novas iniciativas e, mesmo quando isso não é possível, porque muitas vezes não é, há que fazer rodear as actividades já antigas de aspectos novos e diferentes para que surjam sempre com um cunho de novidade.

Pellegrin, prestigioso chefe escoteiro francês, faz notar que «*a B A. é tanto quanto possível uma boa pequena surpresa. E' preciso, diz ele, que distraia alegremente quem a pratica*». De maneira nenhuma, para que possamos atingir o nosso objectivo fundamental, a B. A. se poderá tornar numa coisa monótona. A Boa Acção Colectiva terá de entusiasmar os escoteiros, despertar o interesse, servir de distracção e causar alegria. Terá, portanto, de ser uma actividade agradável.

Feitas estas considerações, a primeira pergunta que nos surge é esta: Quais são as B. A. Colectivas indicadas, então, para os Escoteiros? A resposta não é fácil porque o campo é vasto e, como já afirmámos, depende em grande medida da imaginação do Chefe. Baden-Powell faz algumas sugestões e diz: «*Prestar um serviço pode ser uma pequena coisa como colocar cinco tostões num mealheiro para os pobres, ajudar uma velhinha a atravessar a rua, ceder o lugar a alguém...*» Noutro passo sugere: *Deitar areia numa estrada coberta de gelo para evitar derrapagens, retirar as cascas de laranja ou de banana do pavimento, ajudar os velhos, ajudar a conservar as ruas limpas recolhendo os papéis que se encontrem espalhados, proporcionar comida a crianças pobres*». Podemos acrescentar a estas sugestões ainda as possibilidades que nos oferece o programa escoteiro de primeiros socorros de emergência. Embora muitas das B. A. sugeridas nos pareçam mais de natureza individual, o Chefe pode aproveitá-las para actividades colectivas fazendo-as revestir de novas formas.

Outro princípio que convém fixar, e o que mais interessa é fixar os princípios que devem nortear toda a actividade, é que a B. A. vale pela ideia que a anima e não por aquilo que ela é na realidade. Noutras palavras: O que interessa é que o Escoteiro sinta o desejo de ajudar ou socorrer o seu próximo e seja capaz de sentidamente se interessar pelo seu semelhante. Isso é que tem realmente valor e não o desenvolvimento material da Boa Acção. Por isso Baden-Powell nos fala de «*pequenas coisas*». Será de boa técnica começar por sugerir pequenos empreendimentos, pequenas boas acções, que preparem o espírito do rapaz para mais rasgadas iniciativas e lhe façam sentir o prazer de ser útil.

(Continua na 2.ª página)

O aperto de mãos esquerdas

POR LORDE ROWALLAN

Chefe Escoteiro da Inglaterra e da Comunidade de Nações Britânicas

Durante o verão de 1946, um jovem africano, chamado Djabonar, veio ao Parque Gilwell fazer um Curso da Insígnia de Madeira. Aspirava a ser Ajudante do Comissário de Organização da Costa do Ouro, em África. Quando o Chefe de Campo estava falando acerca do aperto de mão feito com a esquerda, Djabonar contou-lhes que quando da queda de Kumasi, capital de Prempeh, o chefe dos Ashanti, seu avô, adiantou-se para Baden-Powell e estendeu-lhe a mão esquerda. B.-P. ofereceu-lhe a direita, porém o Chefe disse-lhe: «Não, no meu país só o valente entre valentes saúda com a mão esquerda». Não há razão para duvidar que entre as muitas explicações do aperto de mãos esquerdas dos Escoteiros e das Guias, esta é a verdadeiramente original.

Quando eu estive na África Ocidental em Fevereiro e Março de 1947, conheci a Prempeh II, que havia sucedido a seu tio como Asantehene.

Era também Escoteiro, e agora é Comissário Honorário. Perguntei-lhe sobre a origem do aperto de mão esquerda entre a sua gente. Contei-lhe a história como a sabia e ele ficou surpreendido por um europeu a conhecer. Disse-me que era o sinal de uma Ordem de Cavalaria entre o Asantehene e os seus mais bravos e distintos generais.

Porém, este aperto de mãos esquerdas não é exclusivo dos Ashanti, posto que o encontrei entre os Yorubas no oeste da Nigéria, onde é conhecido como o Owor Ogun. Ogun é o deus dos guerreiros e dos caçadores, e não há muito tempo, quando o sr. Blair, Comissário do Distrito de Ibadan, regressava de uma caçada de leopardos, encon-

(Conclui na 2.ª página)

A BOA ACÇÃO

Seu objectivo e significado

(*Continuação da 1.ª página*)

A Boa Acção Colectiva pode ser praticada por todo o Grupo sob a directa orientação do Chefe. Mas também aqui a unidade ideal para a Boa Acção Colectiva é a Patrulha. Na Patrulha alcançar-se-ão mais fàcilmente melhores resultados, porque terá um cunho de iniciativa própria, inteiramente da responsabilidade dos rapazes, sem a intervenção do Chefe. Baden-Powell recomenda mesmo aos Guias de Patrulha que estimulem a prática diária da B. A., dizendo-lhes que «*quando vão em passeio com as suas patrulhas podem surgir oportunidades para fazer boas acções individuais ou de patrulha*». A Boa Acção Colectiva praticada pela Patrulha permite ao Chefe confiar na capacidade dos Escoteiros e proporcionar-lhes todas as honras pelos êxitos obtidos e pelas virtudes demonstradas.

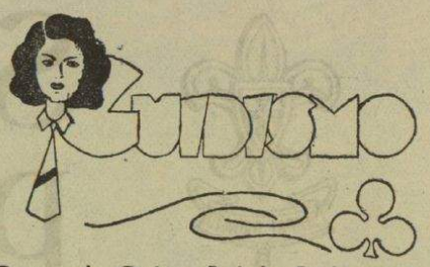
E' interessante notar que Baden-Powell lembra aos Guias que nos seus passeios podem surgir oportunidades de fazer boas acções. Este é o espírito da Cavalaria. Estar alerta, sempre pronto para correr em auxílio de alguém. O Chefe ou o Guia estará pois atento às oportunidades e saberá aproveitá-las sempre que surjam. E' este carácter de imprevisto, de surpresa e até de aventura que entusiasma o rapaz. Damos apenas um exemplo de uma Boa Acção que pode surgir imprevistamente e conquistar o interesse dos escoteiros de uma Patrulha, de um Grupo e até de vários Grupos. A busca de uma criança ou de um demente perdido numa cidade. Bem aproveitada, uma circunstância destas poderá tornar-se num excelente jogo escoteiro, constituir um grande serviço e, ainda, ganhar o reconhecimento do público.

Há uma outra forma de B. A. Colectiva que convém recordar, porque tem sido muito negligenciada, e convém ser praticada com toda a regularidade porque é muito útil ao nosso objectivo fundamental, a educação do rapaz, e traz como vantagens acessórias prestígio e facilidades para os Grupos. Trata-se da B. A. praticada a favor da propriedade onde a Patrulha ou o Grupo acampe. Permiti-me que recomende muito especialmente aos futuros Chefes como norma importante que *nunca se deve abandonar o local do acampamento sem prèviamente ter procurado retribuir a gentileza com que se foi acolhido prestando algum serviço em benefício da propriedade.* Há sempre inúmeras oportunidades de ser útil nestas circunstâncias e gestos dessa natureza ensinarão, através de uma prática activa, a respeitar a propriedade alheia e a ser grato àqueles que nos acolhem com simpatia. Poder-se-á reparar uma vedação ou construí-la de novo com pedras ou arbustos, abrir e reparar caminhos, limpar de pedras os terrenos de lavoura, construir escadas nas montanhas, reparar pontes e prestar ainda inúmeros serviços que ocasionalmente poderão surgir. Além de todos os benefícios, este acto abrirá muitas portas aos Grupos que lutam com falta de locais de acampamento, tornando-os desejados pelos proprietários rurais. Recordo-me de um Grupo que, autorizado a permanecer numa propriedade apenas o tempo indispensável para cozinhar a sua refeição, aproveitou os seus escoteiros disponíveis para proceder à limpeza de um tanque. Quando o proprietário voltou na intenção de lembrar que era tempo de abandonar o local, ficou preso de admiração e grato pelo trabalho feito, exclamando: — Vocês fizeram um bom serviço que eu ainda não tinha tido tempo de fazer, mas que era muito necessário. Já vejo que sois diferentes de outros que têm vindo para aqui e que só sabem é sujar. Podeis ficar o resto do dia e vinde sempre que quiserdes». Eis como uma pequena boa acção, trabalho fácil para um grupo de rapazes, conquistou um amigo, despertou nos Escoteiros o prazer de servir, de ser útil, e mostrou de maneira prática que B.-P. tem razão quando afirma que «*a melhor forma de conquistar a felicidade é espalhá-la em nossa volta*».

Um outro Grupo, por processos idênticos, despertou de tal forma a simpatia de um agricultor que este deixou de lavrar determinado local da sua quinta para que os Escoteiros tivessem sempre onde armar as suas tendas.

No último «Rover-Moot» Mundial estava projectado, ignoro até que ponto isso foi realizado, limpar 10.000 m² de terreno montanhoso de forma a conseguir novas pastagens. Calcular-se-á o valor desta B. A. se soubermos que os montanheses levariam 10 anos para conseguir este resultado que os Caminheiros obteriam dedicando-lhe um dia de acampamento. Como se sentiriam contentes os Caminheiros por esta B. A. e como poderiam, desta forma, compreender os problemas e as dificuldades desses esforçados habitantes das montanhas suíças.

(*Conclui na 3.ª página*)



Grupo de Guias «Rainha D. Leonor»

Com uma festa íntima, dedicada às famílias das Guias e aos seus padrinhos, esta Companhia comemorou o seu II aniversário no passado dia 10 de Maio. Estavam presentes os chefes escoteiros Samuel Vieira, Albano Costa e Ferreira da Silva.

No estandarte da Companhia foi colocada a segunda estrela pela sr.ª D. Maria Angélica de Vasconcelos, da Direcção. As guias Susete Rodrigues Varela e Clementina Tavares da Silva foram nomeadas chefe e subchefe da equipa «Lírio», tendo ratificado a sua Promessa.

Prestaram Promessa as novas guias Maria Adelaide Teixeira, Maria Júlia Raposo e Maria Adelaide Diogo, às quais a Chefe D. Júlia Ribeiro dirigiu palavras de estímulo.

As equipas receberam nesta ocasião material de campanha e tendas, tendo o sr. António Soares oferecido material de cozinha. A sr.ª D. Maria Helena Garcia dirigiu depois a palavra às guias apelando para o sentido da responsabilidade que o Compromisso de Honra representa e incitou as Guias a serem fiéis ao seu ideal e ao Grupo.

A guia D. Vera Rodrigues Varela colocou na bandeira do Grupo uma fita de seda artisticamente decorada, que ofereceu em seu nome e de sua filha Susete.

A festa terminou com um chá, durante o qual as guias recitaram poesias e o rev. dr. Manuel Conceição Jr. manifestou a sua grande alegria pela actividade do grupo das guias e disse que os grupos escotistas constituem na sua Igreja dois departamentos muito estimados pelo bom testemunho de amizade e disciplina, tendo felicitado os dirigentes pelo seu trabalho e dedicação.

O aperto de mãos esquerdas

(*Conclusão da 1.ª página*)

trou-se com um velho caçador que o recebeu com a mão esquerda estendida dizendo: «Owor Ogun», reconhecendo assim o sr. Blair como um poderoso caçador, digno de tomar lugar entre os grandes caçadores do presente e do passado.

Em Ife, o aperto de mãos esquerdas é usado entre o Oni Supremo, e os seus subchefes.

Provàvelmente há outros casos do seu uso entre diferentes tribos de África Ocidental, porém é interessante que enquanto entre os Moslem a mão esquerda é indigna, entre as tribos indígenas da Africa Ocidental é sempre um sinal de honra entre os homens de honra; este facto veio a conhecer-se muitos anos depois do primeiro aperto de mãos e depois de uma guerra na qual os escoteiros de todo o mundo demonstraram ser «valentes entre valentes», dignos de tomar um lugar entre os homens de honra de todo o mundo.

Do «Boletin Scout de las Américas» — Março de 1945.

O III aniversário do Grupo n.º 10

dos Escoteiros de Portugal

Este florescente grupo de Lisboa comemorou em Maio passado o 3.º aniversário da sua fundação. No Domingo, dia 22, realizou no salão da Igreja Presbiteriana de Lisboa, a que está anexo e da qual constitui um departamento activo, uma sessão solene. Presidiu o Pastor rev. dr. M. Conceição Jr. ladeado pelo sr. dr. Inácio Pardelhas Sanches, D. Júlia Ribeiro, chefe do Grupo de Guias "Rainha D. Leonor„; Fernando de Carvalho, Armando Lino, Mário de Sousa, Manuel Tacão Monteiro, chefes dos grupos 79, 53, 1, 94, respectivamente, e Pedro Vital Barbosa, secretário da Secção Pedro Alvares Cabral. Estavam presentes deputações dos grupos citados.

O chefe, sr. Samuel Vieira, referiu-se à actividade durante o último ano, tendo agradecido a colaboração que lhe tem sido dispensada pelo Pastor, por todos os oficiais e departamentos da Igreja e pelos pais dos escoteiros.

A chefe do grupo de Guias colocou a 3.ª estrela no estandarte do Grupo 10 e foi feita a leitura da ordem de serviço, na qual eram citados os escoteiros que tinham direito a receber mais uma estrela de serviço activo.

A cerimónia do Compromisso de Honra foi rodeada de toda a solenidade. Foram ingressar nas patrulhas os novos escoteiros Armando e Fernando Almeida Morais, António Ramos Praxedes, Fernando Sanches e João Raul David, a quem as madrinhas entregaram os chapéus e os guias os escalpes.

O sr. dr. Pardelhas Sanches, médico distinto, fez uma conferência sobre o tema "O Drama da Juventude„, no qual focou os problemas da educação da infância e da adolescência e a necessidade de compreender os problemas da mocidade, canalizando a exuberância da sua vida para uma actividade que lhe seja interessante e a oriente. Apontou o Escotismo como um movimento ideal para auxiliar os Pais na orientação dos filhos e afirmou que o seu apreço pelo Escotismo se traduzia na alegria que sentia em ver dois seus dilectos sobrinhos nas fileiras do Grupo 10.

Um dos principais números do programa era a inauguração da Alcateia do Grupo. A respectiva chefe, sr.ª D. Maria Aida Morais de Almeida, prestou compromisso de honra solene sobre uma Bíblia e sobre a bandeira nacional, segundo a fórmula usada para os dirigentes evangélicos, em que, além do compromisso de Escoteiro é afirmado o desejo de se interessar constantemente pelos seus subordinados e orientar a sua vida pelos princípios do Evangelho.

A promessa dos lobitos foi feita perante o «totem» e segundo o cerimonial próprio, tendo terminado com o «Grande Uivo». Constituiram a Alcateia os lobitos João Rocha, Miguel da Silva, Mário Sanches, José Manuel Sebrosa, Francisco José de Aguiar Perdigão, António Luís dos Santos, Jorge Manuel São Marcos e Vítor Manuel Queirós.

Antes de terminar, o sr. dr. Conceição Jr. expressou a sua alegria pelo progresso do Grupo 10 e fez o elogio do Escotismo como obra educativa, felicitando o sr. dr. Pardelhas Sanches pela bela lição com que tinha vindo abrilhantar a festa do grupo de escoteiros. Afirmou ainda que os agrupamentos escoteiros da Igreja tinham a simpatia de todos pelo belo exemplo que vinham prestando com a sua actividade disciplinada e saudou todos os dirigentes e escoteiros presentes, encerrando em seguida a sessão.

SERÃO FESTIVO

No sábado anterior, o «10» realizou uma festa no salão social da Juventude Evangélica Portuguesa, gentilmente cedido pela sua direcção. Apresentou a peça escotista «A maior alegria», poesias, monólogos, e uma parelha de palhaços. Uma pequenita, família de um escoteiro, a Juju, apresentou poesias escritas expressamente para aquela festa pela sr.ª D. Laura de Araújo, e mereceu fortes aplausos da numerosa assistência pelo ardor e entusiasmo com que declamou. No final foram distribuídas pela assistência amostras de creme «Nivea» oferecidas ao grupo.

Na terça-feira, na sua sede, o grupo efectuou uma reunião com os pais dos escoteiros, muito concorrida, tendo sido servido um chá. No sábado e domingo, 28 e 29, realizou-se um acampamento em S. Domingos de Benfica com a participação dos grupos 53 e 94.

A BOA ACÇÃO

Seu objectivo e significado

(Conclusão da 2.ª página)

Outro aspecto da técnica da Boa Acção Colectiva é que ela é o caminho para a Boa Acção Individual. E é esta que tem maior importância porque, pela sua própria natureza individual, depende inteiramente da vontade do rapaz e é, portanto, fruto do seu próprio espírito. A Boa Acção Colectiva procura, como já vimos, despertar o prazer de ser útil, o hábito de ajudar os mais fracos, levar o rapaz a praticar diàriamente a Boa Acção. Se o Escoteiro se lança na prática de B. A. individuais é porque o objectivo foi alcançado e o rapaz irá prosseguindo no treino das suas aptidões e virtudes pelo seu esforço próprio.

Resumiremos, portanto, que *a técnica da Boa Acção colectiva, autêntico segredo do chefe, consiste em sugerir pequenas boas acções, cheias de originalidade, de surpresa, de aventura, capazes de interessar os escoteiros e apelar ao seu entusiasmo. A unidade ideal para a Boa Acção colectiva é a patrulha.*

Servir — Ideal Escoteiro

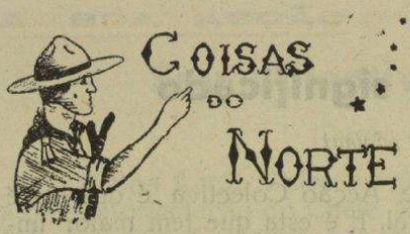
Diz Baden-Powell que «*com um pouco de encorajamento da parte do Chefe, a prática das boas acções diárias bem depressa se torna, entre os rapazes, numa espécie de moda. Esta é a melhor maneira de fazer cristãos de facto e não sòmente de teoria. O rapaz tem uma tendência natural para o bem, e exerce-a logo que tenha uma pequena oportunidade para isso. A boa acção* — afirma ele — *vai adiante desta tendência, desenvolve-a e, além de a desenvolver, junta-lhe o espírito de caridade cristã para com o próximo*». Este espírito de caridade cristã para com o próximo que B.-P. nos diz que o rapaz alcança através da prática da B. A. é, afinal, o verdadeiro ideal escoteiro que traduzimos pelo lema «*servir*», o lema do Caminheiro, o lema do Chefe, o lema do Antigo-Escoteiro.

O que o Escotismo procura é preparar homens capazes de bem servir, homens úteis na profissão, na cidade, na nação. A Boa Acção é o agente para atingir este objectivo. Procuram-se formar hábitos e por isso se sugerem pequenas boas acções. Depois, com a personalidade formada nesta escola, o Escoteiro não se contentará mais com pequenos gestos de bondade, mas procurará ser útil em todas as circunstâncias. Se o ensinámos a retirar do pavimento as cascas da laranja, podemos estar certos de que ele adquiriu hábitos de limpeza e nunca mais arremessará detritos para a via pública. Se o habituámos a cuidar da tranquilidade e do bem-estar do seu próximo, será por toda a vida um elemento de ordem e disciplina. Se adquiriu a noção de que tem o dever de socorrer aqueles que estão em necessidade, amanhã, colocado em posição superior, procurará retribuir com justiça aqueles que o servem. Em qualquer circunstância, o Homem que treinou as suas aptidões no sentido de auxiliar os fracos e aflitos será sempre um «sempre pronto» amando a Deus na pessoa do próximo, amando a Pátria no serviço da comunidade, amando o semelhante como imperativo da sua própria consciência.

A nossa Pátria precisa de homens desta têmpera. Homens que, como os Antigos Cavaleiros, «*trabalhem mais pela Honra do que pela paga*», que sintam «*que é melhor morrer com honra do que viver com vergonha*».

Se o Escotismo puder oferecer à Nação homens *prontos para servir*, formados na escola da Boa Acção, cumpriu a sua tarefa e os Chefes terão a melhor recompensa, a única recompensa justa que poderão esperar, da sua própria Boa Acção.

O «SEMPRE PRONTO» E A REVISTA «ALERTA!» VENDEM-SE NA TABACARIA BOA-HORA
Rua Nova do Almada, 46 — LISBOA



A inauguração do Grupo 41 de Vila Nova de Gaia

Conforme já noticiámos, realizou-se em 23 de Abril, dia de S. Jorge, a inauguração do Grupo 41, anexo à Igreja Lusitana do Salvador do Mundo, Prado, Vila Nova de Gaia.

Presidiu ao acto o sr. comandante Coutinho Lanhoso, Delegado Regional no Norte da A. E. P., estando presentes os srs. Henrique Alves de Azevedo, António de Almeida Jr., da Junta de Freguesia de Santa Marinha; Humberto C. Barbosa, secretário-regional; dr. David de Almeida; rev. dr. Daniel de Pina Cabral e Júlio Duarte, da Direcção do novo Grupo; representantes do "Comércio de Gaia,"; Grupos n.os 4, 15, 44 e 91, e chefes, e numerosa assistência.

Abriu a sessão o sr. comandante Coutinho Lanhoso, que se congratulou por presidir à inauguração de mais uma unidade escoteira e prestou homenagem ao seu saudoso amigo e camarada comandante Pina Cabral, que falecera dias antes, e foi o presidente da Direcção do Grupo 41. O chefe sr. Vidal dos Santos falou do Dia de S. Jorge e exortou os escoteiros a seguirem o seu exemplo na luta contra o mal. O sr. dr. David de Almeida dissertou sobre escotismo e evidenciou o espírito de escoteiros-pioneiros, descobridores, que sempre existiu nos portugueses, bem demonstrado no Infante D. Henrique, Gama, Cabral, Serpa Pinto, Capelo, Ivens e tantos outros, desejando que os escoteiros do «41» soubessem bem cumprir as suas leis e ser sempre bons servidores da Pátria.

O rev. dr. Pina Cabral disse dos motivos que levaram à organização do Grupo, desviar os jovens dos maus passatempos e conduzi-los por caminhos rectos da honra e do dever; o chefe Azevedo apresentou as saudações dos Serviços Centrais da A. E. P. e o representante da Junta de Freguesia, congratulou-se pela existência de mais um Grupo de Escoteiros na freguesia.

Fez-se depois a apresentação do Grupo 41, tendo os lobitos deste e do 91 feito a sua promessa. Depois prestaram o compromisso de honra o futuro chefe do «41», sr. Franklim Couto e os escoteiros do «41», sendo-lhes entregue a respectiva bandeira.

O sr. comandante Coutinho Lanhoso encerrou a sessão, exortando os novos escoteiros a honrarem sempre o seu compromisso—feito diante de tantas testemunhas—de amarem a Deus, servirem a Pátria fielmente e cumprirem as leis dos escoteiros.

É justo destacar o esforço do chefe sr. Arnaldo Couto, do Grupo 91 e interinamente do Grupo 41, pela cooperação valiosa dada à Comissão Organizadora do novo Grupo.—*J. D.*

* * *

Os grupos evangélicos de Lisboa, reunidos para inaugurar a Secção Pedro Álvares Cabral, enviaram um telegrama de saudação ao Grupo 41 inaugurado uma semana antes em Gaia.

Grupo n.º 4—Porto

Este grupo comemorou em 22 de Maio passado o seu 18.º aniversário tendo realizado um acampamento no lugar de Arroteia, S. Mamede de Infesta, que foi muito visitado pelas famílias dos escoteiros e amigos do Grupo.

DOS AÇORES

Grupo n.º 52—Angra do Heroísmo

Comemoração do Dia de S. Jorge

Este grupo comemorou festivamente o dia do Patrono Mundial do Escotismo.

No dia 22, pelas 20 horas, aos microfones do Rádio Clube de Angra, o Chefe Moniz Silva proferiu uma alocução evocativa de S. Jorge—História e Lenda.

No domingo, 24, houve concentração do efectivo do grupo junto ao Observatório, onde se realizou a tradicional ratificação do Compromisso de Honra, acto que foi conduzido pelo Chefe do Grupo, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva, que dirigiu a palavra aos rapazes sobre o significado da cerimónia. Estiveram presentes os senhores Coronel Eduardo Gomes da Silva e Dr. Artur M. Silva Júnior, membros da Comissão do Patrocínio do 52.

No final foram distribuídos alguns diplomas, estrelas de serviço e prémios de assiduidade.

Seguiu-se uma demorada visita cultural ao Observatório Meteorológico de Angra, sob a direcção do sr. José L. Pamplona Couto Corte Real, funcionário superior daquele Observatório.—C.

ESCOTEIROS AMERICANOS (LAGES)

Comemoração do Dia Mundial do Escoteiro

Na reunião mensal dos Escoteiros da 1.ª Secção da Estação Americana da Base Aérea n.º 4, (Lages-Ilha Terceira), realizada a 29 de Abril, foi convidado para orador o chefe Jacinto dos Reis Moniz Silva, do Grupo n.º 52 de Angra do Heroísmo, que dissertou, em inglês, sobre os princípios do Movimento Escotista, o seu Patrono e as Reuniões Escotistas Internacionais. O chefe Moniz Silva referiu-se particularmente ao espírito fraternal que une os escoteiros de todo o mundo, e contou algumas das impressões pessoais do Acampamento Internacional de Patrulhas realizado em Londres, em 1951, no qual Portugal comparticipou com 15 elementos e cujo contingente foi chefiado por aquele dirigente.

A reunião foi dirigida pelo chefe da Alcateia Bodenman, assistido pelos chefes Pfingsten e Witzell, e do programa constaram as actividades normais em reuniões desta natureza, destacando-se pantominas, canções, concursos, etc. O número de presenças, entre Escoteiros e Pais, foi de cerca de 80 pessoas.—C.

O Presidente dos Escoteiros de Portugal visitou a sede do Grupo n.º 52

O Grupo n.º 52 teve a honra de receber a visita do sr. Comandante Henrique dos Santos Tenreiro que, além de diversos cargos oficiais, é também muito dedicado Presidente Nacional da Associação dos Escoteiros de Portugal, e se deslocou especialmente à Ilha Terceira, para inaugurar um bairro, na freguesia de S. Mateus, desta Ilha, composto de 44 moradias para pescadores. O acto realizou-se no dia da sua chegada, na tarde do dia 2, e revestiu-se de grande solenidade.

O sr. Comandante Tenreiro fez-se acompanhar do sr. Comandante Artur Rodrigues Gonçalves e de alguns membros da sua comitiva, sendo recebido pelo chefe do Grupo n.º 52, sr. Jacinto dos Reis Moniz Silva que, depois de apresentar o sr. Presidente da A. E. P. aos membros presentes da Comissão de Patrocínio do Grupo, srs. Coronel Eduardo Gomes da Silva e Virgílio Pires Toste, saudou o ilustre visitante e manifestou a sua grande satisfação, e a dos rapazes do 52, pela honra que lhes era concedida e pelo extraordinário incentivo moral que aquela visita representava para o Grupo. Manifestou ainda a sua grande admiração pela personalidade dinâmica do sr. Comandante Tenreiro, alma sempre aberta a todos os empreendimentos nobres e patrióticos. O sr. Comandante Tenreiro agradeceu a saudação do chefe do 52, assim como a presença do Grupo na inauguração do Bairro dos Pescadores de S. Mateus, e manifestou a sua satisfação por ter tido oportunidade de visitar a Sede do Grupo de Escoteiros de Angra. A visita terminou com os Escoteiros de Portugal saudando o seu Presidente com os característicos «bravos».—C.

Cantinho dos mais novos

CALÇÕES CURTOS

É a respeito dos calções curtos que desejo falar aos leitores do nosso jornal, especialmente àqueles que são escoteiros. Decerto muitos de nós, porque também sou escoteiro, têm ouvido frases trocistas a respeito do nosso calção, frases assim como estas: *Não tens frio? ai que lindas pernas!* ou então outras frases ridículas seguidas de uma gargalhadazinha de escárnio.

Sim, decerto que algumas vezes as tendes já ouvido, assim como eu as oiço e talvez não fiqueis assim muito satisfeitos e com pouco desejo de ficar calado, não é verdade? Contudo, nós devemos não ligar importância a essas fanfarronices. Se esses que assim falam, geralmente conhecidos por «meninos bonitos», conhecessem o que significa ser Escoteiro e tivessem tido alguma vez o prazer de envergar o uniforme escoteiro, não profeririam essas banalidades. A sua ignorância é só digna de compaixão.

Nós, escoteiros, devemos orgulhar-nos do nosso fardamento, sabendo que o calção revela a nossa juventude e sentimos que ele nos é muito útil porque nos dá a liberdade de movimento quando marchamos por montes e vales, dando-nos a sensação de independência do mal desta sociedade atrofiada e doente da qual nos queremos afastar, vivendo uma vida sã e sem vícios em contacto com a natureza.

Ao contrário do que muitos julgam, não sentimos frio nas nossas pernas e temos o prazer de ver desenvolverem-se-nos os músculos de dia para dia, vendo que o nosso corpo se transforma num corpo de homem e, então, fazemos por proceder como tal, conduzindo-nos o melhor possível com a consciência dos deveres e a responsabilidade dos nossos actos.

Orgulhemo-nos pois da farda do calção porque aquele que fundou esta numerosa e unida família a que pertencemos, apesar da sua idade, usava ainda calção e não sentia frio nas suas pernas, mas sabia que os músculos se tornavam sempre mais fortes e que as pernas do escoteiro são pernas de homens que têm a consciência dos seus deveres.

ANTÓNIO NORBERTO DE SOUSA CUNHA
Escoteiro do Grupo 77—Faro

PUBLICAÇÕES

A Criança Portuguesa

O Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, de que é Director o ilustre Professor Vítor Fontes, acaba de publicar mais um volume do boletim de «A Criança Portuguesa», repositório de profundos estudos médicos e pedagógicos de eminentes professores nacionais e estrangeiros, documentário da devotada actividade daquele Instituto a favor da Criança.

Agradecemos o exemplar oferecido.



PASSARINHO

Para ti, quem quer que tu fores. Ainda que não o pareça, é uma fiistória triste para um coração triste.

Era um passarinho pequeno de asinhas curtas que, no seu primeiro voo, subiu demasiado alto. Um passarito pequeno e travesso, com um montão de ideias próprias, que trazia os seus familiares e conhecidos sumamente intrigados e perplexos.

— Este passarinho é tonto — diziam uns. — Este passarinho é esperto — diziam outros. Mas passarinho, sem fazer caso de nada nem de ninguém, continuava elevando-se, em seus voos, ao mais alto que se pode imaginar. Subia e subia até perder de vista a terra, e ficava evolucionando no ar frio, fazendo acenos ao Sol e embriagando-se de azul.

Quando descia ao humilde abrigo do ninho, imediatamente se punha a contar o que havia visto:

— Hoje vi águias de grandes asas e olhar severo. Bons dias, passarinho, disseram-me elas, — explicava.

E os da sua família e conhecidos olhavam para ele muito sérios e cochichavam:

— ...as águias! Hum! está louco.

E estendendo as asitas punham-se a voar em alegre debandada e deixavam-no só.

Então, os ramos que sustinham o ninho tomavam-se de doce estremecimento e a árvore falava a passarinho:

— Vem, passarinhito, conta-me a mim essas coisas. Bem vês, eu não posso voar!

Passarinho obedecia e estendia o seu voo alvoroçado até à mais alta ramagem.

— O arroio tem pedacinhos de ouro nas suas veias brancas de água — contava passarinho à árvore. — No cimo da montanha ainda há neve e no outro lado dela, muito longe, está o mar... O mar é verde; tem uma cinta branca nas extremidades e, quando o vento vem de lá, beija-me frenèticamente e enche-me de vagos desejos.

— Eu também tenho vagos desejos — interrompia a árvore.

— Os vagos desejos fazem doer o coração — respondia passarinho.

E todos os ramos da árvore estremeciam docemente enquanto passarinho continuava:

— Sabes, árvore? O Sol é uma bola de ouro, é uma bola de fogo, é uma explosão de vida. E o soberbo voo dos condores corta-o em mais de mil caminhos, sem deixar rastro, sem princípio nem fim.

— Gostava de ser um condor, — murmurava a árvore.

— Os condores também têm de regressar à terra — suspirava passarinho.

E todos os ramos da árvore sussurravam suavemente.

E assim, dia após dia, passarinho e a árvore iam trocando os seus segredos.

Uma manhã, passarinho esvoaçou muito excitado até à sua amiga.

— Sabes, árvore? Hoje vi, lá em baixo no vale, as cúpulas redondas e douradas da cidade. Vou ver aquilo de perto.

E, dizendo isto, voou ràpidamente até ao lugar dos seus sonhos.

Ao chegar ali, pousou na forte muralha que circundava a velha cidade. Como estava cansado! Depois foi até à praça do mercado e, alcançando a varanda do palácio ducal, pôs-se a mirar, com os seus olhitos redondos e escuros, tudo quanto lhe despertava a atenção.

Os sapateiros trabalhavam a sola à entrada das oficinas e os magarefes esfolavam as reses à porta das suas tendas, porém, nenhum destes actos compreendia nem tão-pouco lhe interessavam. Ùnicamente fixava, absorto de admiração, o rosto do irmão-homem, ao qual via pela primeira vez na sua vida.

— O irmão-homem, Rei da Criação — dizia passarinho.

E a impulsos de emoção, todas as peninhas do peito se eriçavam.

Passarinho não se julgava digno de dirigir-se a Deus e, se alguma vez o fazia, isso custava-lhe um nunca acabar de suspiros e rubores. Todavia, dessa vez, rogou do fundo do seu entusiasmado coração:

— Senhor, Rei do Universo, graças por teres criado o homem à tua imagem e semelhança! É tão formoso!

Porém, ainda não havia terminado a sua jubilosa oração, quando sucedeu a passarinho a coisa mais horrível e inesperada.

Por trás dos vidros da varanda onde passarinho se acomodara, bordava a senhora Duquesa, que era jovem e caprichosa. Por isso, ao ver passarinho, exclamou:

— Oh que lindo passarinho de asitas curtas!

E o senhor Duque que era gordo, velho e não muito apressado, pois que, com a sua idade, ninguém deveria casar-se com senhoras jovens e caprichosas, ordenou imediatamente:

— Que tragam à senhora Duquesa esse passarinho do demónio!

E, claro, vieram todos os servos em bicos de pés e começaram a abrir surrateiramente a porta da varanda. Decerto que isso é quase impossível fazer-se com um passarinho, por muito demónio que ele seja. Mas, como o nosso passarinho estava absorvido nas suas meditações, coisa que não costuma acontecer todos os dias, nem a passarinhos nem a ninguém. E, em dado momento, zás! o pobre passarinho foi agarrado pelas grossas manápulas do secretário.

A avezita pensou que se lhe rebentavam os pulmõezinhos cantadores, bàrbaramente oprimidos; porém, conseguindo fazer um esforço supremo, louco de angústia e de terror, viu-se, de um momento para o outro, pairando dèbilmente sobre a multidão frenética do mercado, que a perseguia rindo selvàticamente.

— Olha o passarinho, olha o passarinho que pertence à senhora Duquesa — gritavam.

E sobre passarinho, cujas asas feridas se sentiam impotentes para alcançar o espaço, choviam mãos horrendas e objectos de todas as formas e feitios.

Num instante, passarinho sentiu, com um véu de sangue na vista, o roçar sinistro da terra debaixo das suas asas. Mas, por fim — ai, que alívio! — o Senhor do Universo do passarinho sentiu piedade no seu piedoso coração e mandou o vento. E o vento ajudou a elevar-se o seu macerado corpinho e deu um impulso potente às curtas asitas, que se elevaram tremendo de gozo, deixando para trás, muito para trás, longe, longe, as enrubescidas faces do irmão-homem, cujas mãos ansiosas faziam de pala sobre os olhos ambiciosos.

— Lá se foi, lá se foi o passarinho! — exclamavam.

Sim, lá se ia ele embora. Lá ia o passarinho. Batia as asas sangrentas o mais ràpidamente que lhe era possível, enquanto os olhos tristes observavam a faixa verde do bosque que já começava a enxergar-se no horizonte.

Como não podia voar tão ràpidamente como os seus desejos e o seu angustiado coraçãozinho lhe

(Conclui na 7.ª página)

Inauguração da Secção

Pedro Álvares Cabral

Conforme noticiámos, no dia 1 de Maio passado realizou-se a inauguração desta Secção de Escoteiros, anexa à Igreja Evangélica Lisbonense, na Rua de Febo Moniz. Para esse efeito, concentraram-se no Jardim Constantino deputações dos grupos n.os 10, 53 e 94 de Escoteiros, e o Grupo de Guias «Rainha D. Leonor» que, num total de cerca de 70 elementos desfilaram até ao templo daquela Igreja.

Presidiu ao serviço religioso que ali se realizou, o Rev. Latham Wright, ladeado pelos Rev. Dr. Manuel Conceição Jr. e Rev. Carlos Augusto Vasconcelos, presidente do Sínodo Nacional da Igreja Presbiteriana; e ainda os chefes dos grupos acima citados. O vasto templo estava repleto, vendo-se entre a assistência muitos escoteiros e antigos escoteiros evangélicos.

Depois das orações de invocação e intercessão, esta feita pelo Chefe Armando Lino, bem como da leitura do Salmo 23 feita pelo Chefe Samuel Vieira, realizou-se a promessa solene dos novos escoteiros e do dirigente nomeado para aquela Secção sr. Albano Duarte Costa. Presidiu à cerimónia o chefe do Grupo 94, sr. Capitolino Ferreira Macedo, que convidou o sr. Eduardo Ribeiro, na qualidade de antigo chefe daquele Dirigente, para receber a ratificação do seu Compromisso de Honra. Este dirigiu algumas palavras fazendo sentir a responsabilidade que impende sobre aquele que se propõe dirigir escoteiros, depois do que o Chefe Costa proferiu a fórmula do Compromisso de dirigente cristão-evangélico, «prometendo ser fiel a Jesus Cristo, servir todas as boas causas, orientando a sua vida de harmonia com os princípios do Evangelho. Prometendo interessar-se constantemente pelos Escoteiros do seu Grupo, para que eles possam ser bons servos de Deus, bons cidadãos e bons Escoteiros», e prometendo também «ser fiel ao Movimento Escotista em geral e à Igreja em particular».

Seguiu-se depois a promessa dos novos escoteiros António Vieira Pinto, Carlos Alberto Campos, Rui Negreiro Oliveira, Álvaro Ribeiro de Almeida, Edmundo Gazalho Santos, Manuel Paulo Marques Alves, Fernando Jorge Azevedo Gomes e Cesário Gruart Martins tomada pelo chefe da secção.

Prestaram também promessa os Caminheiros Pedro Vital Barbosa e António Pereirinha Pinto, que vão colaborar nos serviços administrativos do grupo como Secretário e Tesoureiro, cargos em que vêm prestando já bons serviços. O Chefe de Divisão do Grupo 94, Idílio Gonçalves, foi também colocado nesta Secção.

Antes da cerimónia do Compromisso, o Chefe Capitolino Ferreira Macedo dirigiu algumas palavras aos novos escoteiros e, no final, o Rev. Latham Wright pediu a bênção de Deus para as suas vidas.

O sermão foi proferido depois pelo Rev. Dr. Conceição Jr., que, referindo-se à escolha do jovem David pelo profeta Samuel para rei de Israel, apontou as virtudes que ornamentavam o carácter de David como essenciais ao ideal escoteiro e afirmou que aos jovens que iniciavam agora a sua vida escotista estaria reservado um grande triunfo se souberem preservar na sua Fé, servindo a Deus e a Pátria, sendo bons escoteiros e bons cristãos.

O serviço religioso de dedicação da nova unidade escoteira terminou com a invocação da bênção, depois do que foi visitada a sede da Secção onde se podia já verificar bom trabalho dos novos escoteiros.



O 30.º aniversário do Grupo n.º 6

O Grupo de Olhão comemorou o seu 30.º aniversário em 17 de Maio passado. Logo de manhã os escoteiros desfilaram pelas ruas da Vila e à noite na Sociedade Recreativa Progresso Olhanense realizaram uma sessão solene seguida de uma parte recreativa.

Assistiu muito público e estiveram presentes entidades oficiais e deputações de escoteiros algarvios. Foram entregues prémios e medalhas relativos à intensa actividade do grupo no ano findo.

No final os escoteiros apresentaram coros, anedotas, diálogos e ilusionismo, tendo sido muito ovacionados pela assistência.

DO ENTRONCAMENTO

Grupo n.º 84

A Banda deste grupo efectuou no dia 8 de Maio, no Jardim Parque desta Vila, mais um magnífico concerto sob a hábil regência do maestro sr. José Leitão Franco — C.

Almoço de confraternização

No mesmo dia, antes destas cerimónias, os escoteiros desta Secção reuniram-se num almoço de confraternização. Presidiu o Rev. Latham Wright e estavam presentes o chefe do Grupo 94, sr. Capitolino Ferreira Macedo, a menina Susana Brito, que vai chefiar a Alcateia de Lobitos da mesma Secção, o sr. António Gonçalves (Barradas) e o Director do nosso jornal. O repasto decorreu num ambiente de amizade e entusiasmo e, no final, o sr. Gonçalves (Barradas), pai do chefe Idílio Gonçalves, e bom amigo do Escotismo, tendo colaborado activamente no Grupo 60 de Vila Real de Santo António, usou da palavra para manifestar o seu regozijo por ter assistido àquela reunião, afirmando: «Sempre nutri pelo Escotismo a maior admiração e simpatia, a ponto de dar para ele o melhor da minha vida,—o meu filho. Este amor não era um simples capricho ou mero acaso, mas por verificar que apesar das suas fardas, suas insígnias, suas marchas empunhando bandeiras desfraldadas ao vento, compreendi que o escotismo não visava finalidades militaristas, mas procurava que o rapaz fosse disciplinado, obediente, puro nos pensamentos, nas palavras e nas acções. Se o Escotismo não impõe uma religião—disse ele—também o escoteiro não pode ser indiferente porque no seu Compromisso promete amar e servir fielmente a Deus e a Pátria.

«Aqui há pais que como eu podem oferecer os seus filhos para esta santa cruzada, pois acima de tudo o Escotismo é uma bela escola de educação e como ser escoteiro é ser obediente, faço votos que o grupo Pedro Álvares Cabral tenha um porvir abençoado pelo nobre exemplo dos seus componentes e dirigentes».

O Chefe do Grupo 94 fez depois entrega à Secção da Bandeira Nacional, pondo em relevo o respeito que lhe era devido como símbolo da nossa Pátria.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

UM PROBLEMA DIFÍCIL

Como o Carlos se viu sèriamente atrapalhado com o último problema, resolveu arranjar um dos mais intrincados para apresentar na reunião seguinte.

E assim fez. Quando a «Veado» tornou a reunir-se, Carlos propôs o problema ansiosamente esperado. — "João, vê lá se adivinhas este: Há tempos, assisti a uma corrida de cavalos, em que participavam sòmente dois cavaleiros. Até aqui nada de especial. Mas o que a corrida teve de curiosa foi que, cada um dos concorrentes, sem o saberem, tinham feito as suas apostas no cavalo do adversário. Tencionavam, assim, deixar, cada qual, o seu adversário ganhar a corrida, auferindo, em contrapartida, o dinheiro das apostas.

"Quando soou a partida, os dois cavaleiros, em vez de se lançarem em corrida vertiginosa, como é hábito, deixaram-se ficar parados, sentados no chão ao lado dos cavalos, cada um esperando que o outro iniciasse a corrida e a ganhasse. A situação tendia eternizar-se. Ao fim de certo tempo, apareceu um sujeito que, aproximando-se de um dos cavaleiros, lhe disse qualquer coisa ao ouvido. Esse cavaleiro levantou-se imediatamente e, saltando para a sela, lançou-se a toda a brida na direcção da meta.

"Pergunto: o que é que o sujeito teria segredado ao ouvido do cavaleiro, sabendo-se que não se tratava nem de promessa nem de ameaça.»

A adivinha deixou todos cheios de curiosidade. O José prometeu fazer o possível por levar a solução na próxima reunião da patrulha. Os leitores que o ajudarem no seu trabalho, enviando-nos a solução certa, receberão uma pequena lembrança.

Francisco Militão dos Santos

Nos últimos dias de Abril, esteve em Lisboa, e deu-nos o prazer de sua visita, este nosso dedicado amigo ex-agente-correspondente do "Sempre Pronto„ em Olhão, Agradecemos a gentileza e saudamo-lo com amizade.

IMPRENSA

«ITINERÁRIO»

Este mensário de arte e divulgação que se publica em Lourenço Marques e gentilmente nos visita, comemorou em Fevereiro passado o 14.º aniversário e apresentou-se remodelado e mudou de formato.

Saudamo-lo com votos de prosperidades.

«A CARIDADE»

Este bimensário católico, que nos dá o prazer da sua visita, inseriu no seu número de Março-Abril uma referência ao "Sempre Pronto„, que agradecemos, retribuindo as saudações gentilmente expressas.

DIA DO ESCOTEIRO

O Grupo n.º 52 de Angra do Heroísmo saúda o «Sempre Pronto»

Em 23 de Abril foi recebida na nossa redacção a seguinte e simpática saudação:

O Chefe e os Escoteiros do Grupo 52 da A. E. P. saúdam com amizade os seus camaradas do «Sempre Pronto» no dia de S. Jorge, com votos de prosperidades.

Retribuímos e agradecemos a saudação amiga dos nossos camaradas de Angra do Heroísmo.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Primeiro Acampamento de Amizade

Conforme já anunciámos vai efectuar-se em Horsens, na Jutlândia, Dinamarca, de 1 a 5 de Agosto próximo, o primeiro Acampamento Internacional de Amizade, que será seguido da segunda Assembleia Geral dos Antigos Escoteiros e Guias.

Podem tomar parte neste acampamento todos os Antigos Escoteiros e Antigas Guias adultos. Horsens é uma cidade industrial sobre uma estrada que liga a península escandinava ao próprio Continente. Encontra-se na região dos lagos dinamarqueses e está situada no local onde esteve a Corte dos primeiros reis Vikings.

O local do acampamento é «Bygholm» um palácio da idade média comprado pela municipalidade em 1920 e transformado num hotel moderno. Um grande parque, com uma Pousada de Juventude, rodeia o palácio.

O edifício da Pousada servirá para a reunião da Assembleia, e servirá para hospedar aqueles que não puderem acampar. Tanto estes como os campistas poderão tomar as suas refeições na Pousada a preços muito razoáveis.

As sessões ao ar livre assim como os fogos de conselho serão realizados numa pequena ilha onde se encontram as ruínas de um palácio, no meio do frondoso parque. Podem reunir-se aqui uns dois milhares de pessoas.

Os delegados e os participantes no Acampamento de Amizade poderão fazer-se acompanhar de suas esposas ou de seus maridos ou mesmo filhos. Sòmente, porém, os adultos poderão ser alojados no Hotel e na Pousada, em virtude da falta de espaço.

Em todas as actividades será usado fato civil ou traje de campo. Os preços do alojamento por cada pessoa e a partir de segunda-feira de tarde até sexta-feira de manhã, serão os seguintes: Refeições, alojamento no Hotel do Palácio de Bygholm o equivalente a 520$00. Na pousada da juventude, 260$00. Para os campistas: Refeições no Hotel, 380$00. Na Pousada, 240$00. Campistas que se abasteçam a si próprios 140$00. Todos estes preços compreendem também as excursões, festas recreativas e a entrada.

O Conselho Interino que organiza estas actividades espera que cada país delegará quatro membros, mas o número de lugares não é limitado e todos os membros serão recebidos com simpatia.

As línguas oficiais serão o Inglês e o Francês.

Antigos Escoteiros de Portugal

No passado dia 16 de Maio, efectuou-se na sala da Direcção do Ateneu Comercial de Lisboa, gentilmente cedido para o efeito, uma reunião conjunta da Direcção e do Conselho Fiscal da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, sob a presidência do sr. dr. Tovar de Lemos.

Foi analisada a situação deste Movimento, tendo-se apurado que o número de sócios realmente efectivos é de 133. Ficou registado em acta um voto de congratulação por se encontrar já restabelecido o nosso camarada de redacção sr. Ernesto Clímaco do Nascimento, que se encontra pronto para colaborar na Fraternal, não tendo deixado de o fazer mesmo durante a sua enfermidade.

Foi resolvido mandar imediatamente ao Tesoureiro da Federação Internacional de Antigos Escoteiros e Guias, Coronel J. S. Wilson, um cheque de cinco libras para pagamento da quota de Portugal, referente ao ano corrente. Encomendar distintivos e bilhetes de identidade dos modelos internacionalmente aprovados, que serão distribuídos, logo que cheguem, por todos aqueles que o desejarem.

Resolveu-se também que a Fraternal se fizesse representar na Assembleia Geral da Federação, a que nos referimos nesta mesma secção, tendo sido escolhido para delegado o sr. Albano da Silva, presidente do Conselho Fiscal.

Na data da saída do nosso jornal, deve ter-se realizado já uma nova reunião em que será dado início aos trabalhos referentes à próxima assembleia geral da Fraternal (relatório, contas, eleições, etc.) que se realizará o mais tardar em 4 de Setembro próximo, data em que a Fraternal comemorará o 43.º aniversário da A. E. P.



Os nossos contos

PASSARINHO

(Conclusão da 5.ª página)

pediam, quando chegou à sua árvore já os ramos se inclinavam ao sono e pelo céu também faziam os seus acenos as primeiras estrelas.

Um grito abafado, misto de dor e de felicidade, se escapou da garganta de passarinho, ao sentir debaixo das suas frágeis patitas a doce elasticidade do ramo onde se aninhava. Alisou, com cuidado, as peninhas alvoroçadas e tratou, conforme pôde, as maltratadas asas.

Começava a Lua a despontar, quando a árvore lhe perguntou, sussurrante e em voz baixa:

— Passarinho meu, que viste na cidade?

E passarinho, aproximando-se quanto podia ao tronco da sua amiga, começou a contar-lhe toda a dor e toda a intensa amargura de que o seu coração estava cheio.

A sua vozinha cantadora rompia o silêncio da noite, enchendo-a de dulcíssima ternura. Os seus trinados, repassados de melancolia, pareciam querer chegar até à Lua, até às estrelas.

E de tal maneira ressoava o canto da entristecida avezita, que o Senhor do Universo, que começava então a dormir, despertou e pôs-se a escutar o queixume.

— Pobre e meigo passarinho! — exclamou o Senhor do Universo. — De hoje em diante quero que te chames o rouxinol do bosque.

...E, entretanto, passarinho continuava a contar à sua amiga árvore toda a mágoa e tristeza que o amargurava.

* * *

Era um passarinho pequeno de asitas curtas, que um dia conheceu a dor.

LORETO AZPEITIA LOPEZ DE AYALA

Coopere na campanha para mais assinaturas, remetendo à Redacção o nome de um novo assinante.

ENRIQUEÇA A SUA BIBLIOTECA ESCOTEIRA!

Todo o Escoteiro, especialmente os Dirigentes, deve ter empenho em possuir uma pequena Biblioteca Escoteira, onde possa procurar inspiração para as suas actividades escotistas e até para a sua vida.

Manual do Escoteiro
Para ser Escoteiro, provas de 3.ª classe..... 3$00
Sempre Pronto, provas de 2.ª classe ..... 5$00
Guia do Chefe Escoteiro, de Baden-Powell, uma obra indispensável aos chefes..... 10$00
Livro de Jogos, de Botto Velho, colecção de 200 jogos escotistas..... 15$00
Para ser Escoteiro, por F. Floriano de Paula, bom manual técnico ..... 15$00
Curso de Monitores, interessante curso de guias de patrulha ..... 12$00
Aplicando o Sistema de Patrulhas, de E. E. Reynolds. Inspiradora sugestão para criar novos grupos de escoteiros ..... 4$00
Escutismo para Rapazes, de Baden-Powell, a obra que serviu de base ao Escotismo e que ainda hoje é a melhor inspiração para escoteiros e dirigentes..... 20$00
Estatutos da A. E. P...... 2$00
O Escotismo e a Educação Cívica, por Charles del Marmol 1$00
O Alcoolismo, pelo Dr. Ayres Serrano Silva, um estudo sobre os perniciosos efeitos do álcool que todo o escoteiro deve procurar tornar conhecido..... 1$00
Uma dúzia..... 6$00
Escutismo na Alma da Juventude, do P. Américo Ferreira Alves ..... 2$50
Que é o Escotismo ?..... 3$00
Desporto, Cinema e Educação, pelo Prof. A. Álvaro Dória 7$00

EM LÍNGUA FRANCESA
Trente Garçons, de Pellegrin..... 12$00
Sois un Chef, de P. Breittmayer..... 12$00
Pistes de Jungle, caderneta de lobitos, muito ilustrada a cores..... 15$00
Jeux Éclaireurs, de B.-P..... 27$50
Zig-zag-zoug, de Demole (Jogos)..... 27$50
Camps Éclaireurs..... 15$00
Le Manuel du Chef de Patrouille, de W. Hillcourt..... 29$00
Éclaireurs, tradução integral do «Scouting for boys», de B.-P., preço especial para liquidação..... 20$00
Le Guide du Chef Eclaireur, de Baden-Powell..... 17$50

Pedidos à Redacção do «Sempre Pronto» ou pelo telef. 63 66 07

ASSINE A REVISTA «ALERTA!», da União dos Escoteiros do Brasil, na nossa Redacção. Assinatura anual: Esc. 18$00

Dos amigos do "Sempre Pronto"

De Luto — Pelo falecimento de sua Esposa, sr.ª D. Maria da Luz Gomes dos Santos, ocorrido em 18 de Maio passado, encontra-se de luto o Sr. Rui Lima Gomes dos Santos, nosso dedicado assinante, antigo dirigente escotista, a quem apresentamos as nossas sentidas condolências.

● Também se encontra de luto a sr.ª D. Idalina Florêncio Tovar de Lemos e seu Esposo sr. Luís Grau Tovar de Lemos, Escoteiro-Chefe-Geral adjunto, pelo falecimento de sua mãe e sogra sr.ª D. Isaura Oliveira Florêncio, ocorrido em 13 de Maio passado. Apresentamos-lhes as nossas sentidas condolências.

EXCURSÃO A PARIS

Por gentileza do Delegado do Turismo Francês em Portugal, podemos prorrogar até ao fim deste mês o prazo de inscrição para esta excursão a efectuar em Setembro próximo.

Conforme temos anunciado, o preço é apenas de Esc. 2.000$00, viagem, alojamento e comida, bem como outras regalias, condições que publicámos no último número do "Sempre Pronto".

Com a inscrição deverá ser feito o pagamento inicial de garantia de Esc. 400$00. Podem ser pedidos todos os esclarecimentos para a nossa redacção ou pelo telefone 63 66 07.

Recomendamos a todos os interessados, que ainda não concretizaram a sua inscrição, para o fazerem dentro deste mês, visto que, se não obtivermos o número mínimo de inscrições, desistiremos deste empreendimento e perderemos assim uma oportunidade excepcional.

10.º Congresso Internacional do Escotismo Católico

De 2 a 5 de Junho corrente, reuniu-se em Bruges, Bélgica, o 10.º Congresso Internacional do Escotismo Católico. Para tomar parte nos trabalhos deste Congresso, partiram em 24 de Maio passado para aquele país os dirigentes do C. N. E. Srs. Padre Manuel Ferreira da Silva, dr. Sousa Dias e dr. Américo Santa Marta. Dias mais tarde, partiu com o mesmo destino o sr. Padre João Ferreira.

Os dirigentes citados levavam o encargo de apresentar convite do C. N. E. para que o próximo congresso se realize em Portugal, em Fátima.

Folhetim do "SEMPRE PRONTO" N.º 14

UMA AVENTURA NA RÚSSIA

POR MARIA E. ROPES ● Trad. de *J. S. CANUTO*

A tardia alvorada duma manhã de inverno começava a fazer empalidecer o oriente, quando os dois jovens cavaleiros entraram na floresta em que haviam posto as esperanças durante a última parte da sua movimentada viagem.

Um carreiro, estreito e mal traçado, conduzia até ao centro da mata; e, ansiosos por encontrarem um sítio seguro onde pudessem descansar, os rapazes foram cavalgando vagarosamente, lançando ávidos olhares para todas as pequenas clareiras, a ver se descobriam sinais duma choça de lenhador ou duma cabana de camponês, ou qualquer outra edificação que tivesse paredes e tecto.

Durante algum tempo, porém, só viram pinheiros e abetos que cresciam muito juntos uns dos outros e se achavam cobertos de neve; por fim os vivos olhos de Eduardo descobriram, no meio de um grupo de árvores novas, uma casa de diminutas dimensões, constituída, aparentemente, de troncos rachados de pinheiros, ficando para o lado de fora a parte arredondada.

Não se podia imaginar casa mais humilde, ou menos atraente. Contudo, nunca a vista dum palácio real foi tão saudada por qualquer pessoa como esta choupana o foi pelos nossos fatigados viajantes, pois que, pelo menos, oferecia-lhes abrigo e um lugar onde podiam deitar-se e esquecer no sono uma grande parte das suas tribulações.

A porta estava cerrada, mas ouvia-se falar gente lá dentro, e via-se luz através da janela, cujo vidro era do que se emprega para as garrafas.

— Não abras a porta, Sonia — gritou lá de dentro uma voz de homem. — Quem sabe se será a polícia ?

— Não é — respondeu uma mulher, em tom suave; — a polícia não vem a estes sítios. Não tenhas medo, querido. Vou ver quem bate.

Abriu-se a porta, e uma mulher nova perguntou:

— Quem sois vós, meus filhos, e que fazeis sòzinhos no meio da floresta, a esta hora da madrugada? — disse ela caricioSamente E o seu rosto era tão atraente, tinha uma tal expressão de bondade, e a sua voz era tão doce, que Alfredo resolveu logo pô-la ao facto de tudo, e acolher-se à sua comiseração.

— Quer fazer-nos o grande obséquio — disse ele — de nos deixar entrar na sua casa e dormir uma ou duas horas em qualquer canto? Estamos gelados até aos ossos, e mal nos podemos suster de cansaço, pois que cavalgámos durante horas, expostos a um frio cortante, e além disso fomos perseguidos pelos lobos, de modo que só mediante a misericórdia de Deus é que estamos aqui vivos. Contar-lhe-emos, porém, tudo, se permitir que entremos.

Como Panfílio se evadiu da prisão

— Entrai, em nome de Deus, meus pobres pombinhos — disse a mulher. — E tu, meu marido, arranja aí lugar ao pé do lume para os nossos gelados visitantes. Ouves, dorminhoco? Estas crianças estão frias de neve, e tu há uma hora ou mais que estás aí a assar. Agora é a vez delas.

E riu-se suavemente.

Eduardo transpôs o limiar e entrou na cabana, mas Alfredo deixou-se ficar no exterior, tendo um dos braços metido na rédea de Sharik.

— Boa senhora — disse ele — que hei-de fazer a este cavalinho? Transportou-nos com toda a bravura, e sente-se agora ainda mais extenuado e fatigado do que nós. Temos comida para ele, assim como para nós, e portanto não seremos pesados nem a si nem ao seu marido. Só o que queremos é descansar um pouco, e que nos conceda uma porção de água a ferver para fazermos o nosso chá e uma palhada para o Sharik; em sendo para aí meio-dia, partiremos de novo para a grande fábrica de óleos.

Neste momento o homem que estava assentado à lareira fez um movimento e virou a cabeça para o outro lado.

— A grande fábrica de óleos, a que tem por director um inglês? — perguntou ele.

— Essa mesma. Conhece o sítio em que ela está, e aquele que a administra ?

— Tu não vês, marido — interrompeu a dona da casa, — que estás retendo o jovem cavalheiro ao ar livre, a ele e ao seu cavalo? Entre, menino, e, visto não possuirmos estrebaria, nem outro qualquer abrigo além deste, traga o animal consigo. Não é ele espantadiço ?

(Continua)